

ISBN 978-85-67623-02-3

ESQUINAS QUE ME ATRAVESSAM

ROD
RIGO
SAS
SI

Produção

Apoio



CASA
REX

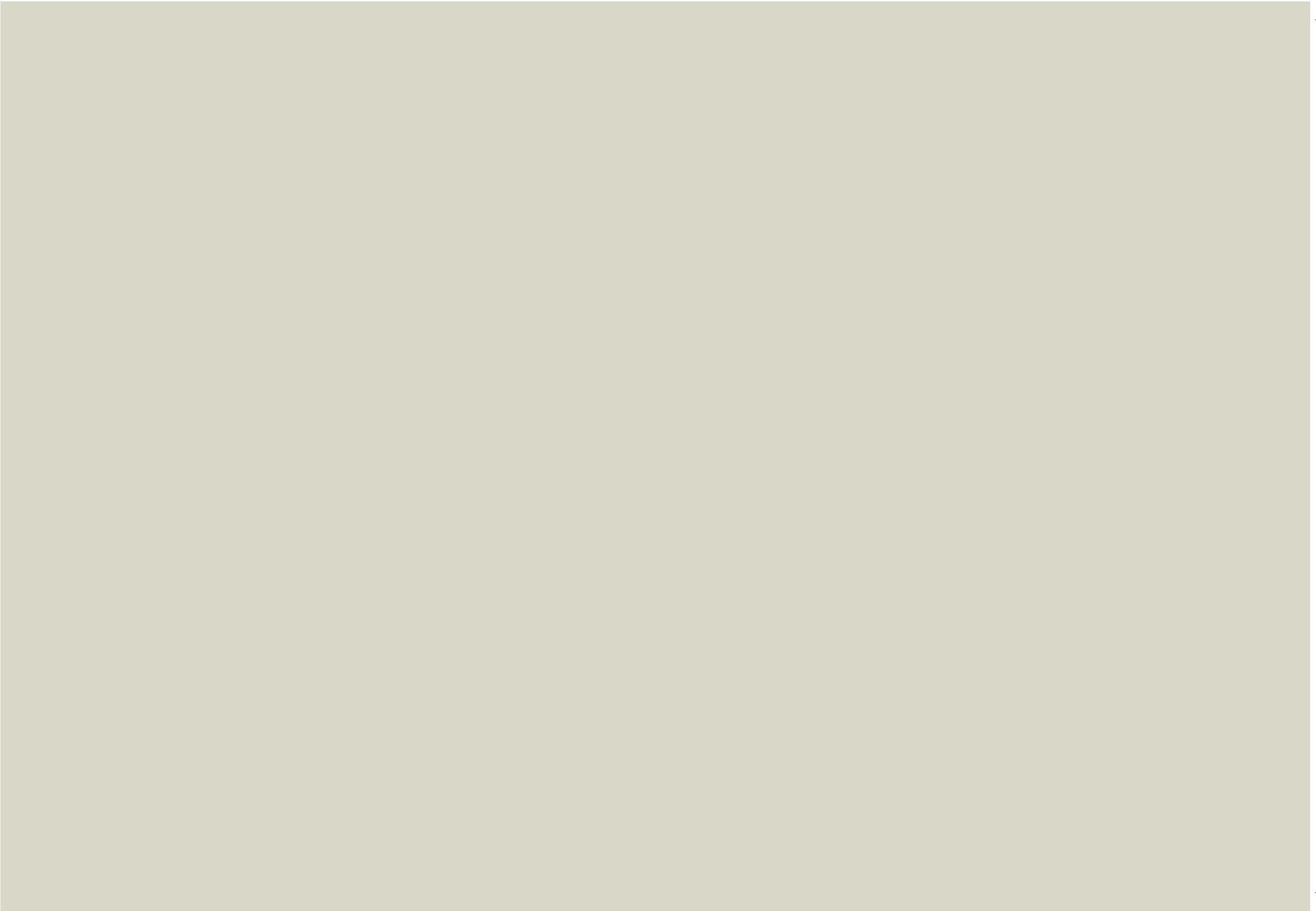


Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO
FEDERAL









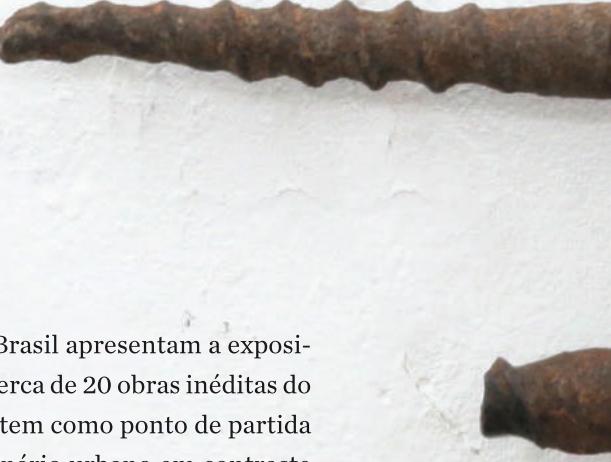
Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina a exposição



ESQUINAS QUE ME ATRAVESSAM

**R O D
R I G O
S A S
S I**

**CCBB SÃO PAULO
11 DE AGOSTO
A 22 DE OUTUBRO
DE 2018**

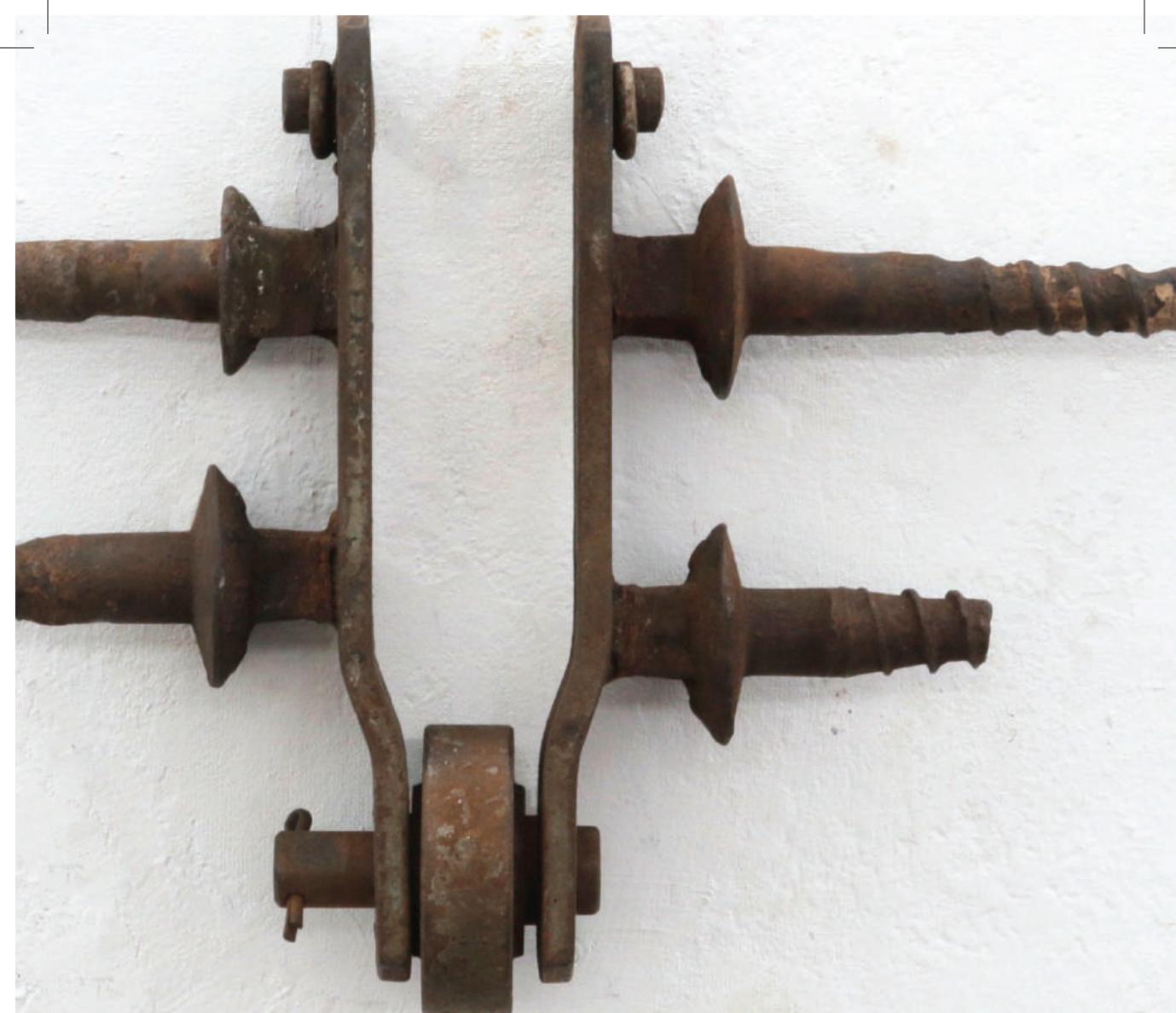


O Ministério da Cultura e o Banco do Brasil apresentam a exposição *Esquinas que me atravessam*, com cerca de 20 obras inéditas do artista paulistano Rodrigo Sassi, e que tem como ponto de partida parâmetros visuais provenientes do cenário urbano em contraste com formas e movimentos extraídos da natureza, e a convergência desses universos com as artes plásticas.

O conjunto reunido no subsolo do prédio do CCBB, com obras produzidas entre 2016 e 2018, reafirma as referências plásticas e conceituais do trabalho do artista, formuladas pelo desenvolvimento e prática de intervenções urbanas, onde a dinâmica e localização das grandes cidades estão implícitas e podem ser associadas às experiências visuais da população, trazendo um diálogo entre as obras e o dia a dia das pessoas.

Ao realizar a exposição, o Banco do Brasil mantém seu compromisso com a formação de público para as artes visuais e oferece aos brasileiros a oportunidade de conhecer de perto o trabalho deste artista.

Centro Cultural Banco do Brasil



E N T

R E S T

por mario gioia

Em *Esquinas que me atravessam*, a nova individual do paulistano Rodrigo Sassi exibida no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), é claro um ponto de inflexão no *corpus* de sua obra. Ao mesmo tempo, vetores poéticos anteriormente vistos também se estabelecem com força. Como rumos mais novos, podemos atestar o mergulho no universo da gravura e um fazer escultórico mais leve, tendo como fundamentos mais que a madeira, o concreto e o metal – ao menos dos modos usualmente explorados pelo artista em obras-chave de sua trajetória.

Tal via encontra conexões até expográficas na mostra, inicialmente sediada no antigo cofre e adjacências de uma antiga instituição financeira encravada no Centro da metrópole paulistana. O sentido do público numa direção circular reforça o caráter fenomenológico proposto por Sassi ao dispor trabalhos de diferentes linguagens por entre o espaço. Terminada uma visita, o (ex) observador conseguirá perceber alguns elementos fulcrais da obra: a relação com o espaço, os diálogos com a arquitetura de eixos confinados de grandes cidades, a linha-grafia anteriormente pensada como projeto (em desenho) e concretamente transformada em outro produto, numa zona cinzenta e opaca entre meios (o tridimensional situado em algo de difícil determinação que perpassa a instalação, o objeto e a escultura).

Esquinas que me atravessam também é importante para sedimentar outras pesquisas de Sassi, após períodos de residência artística na França e nos EUA. “Trabalhos que tivessem tanto a luz quanto a sombra como elementos compositivos”, conta ele. Neste ponto, apesar de isso ser evidente em peças de grande envergadura, é relevante lembrar o tradicional processo-base da gravura quando, grosso modo, há a inversão de situações cromáticas – zonas escuras tornam-se brancas e outras mais claras se escurecem.

Se o trajeto do público é importante em sua apreensão da obra, a própria deriva do artista agora ganha contornos mais pulsantes nos trabalhos. Na série *Walk the line*, em especial, são decisivas as caminhadas de Sassi no interior do Estado de Nova York margeando as linhas ferreas e, de lá, extraíndo a matéria-prima do que se tornaria a série de pequenas peças atualmente expostas – e que, pela escala intimista, já indicam quebras em procedimentos anteriores de construção do artista. O processo pode remeter a investigações de nomes importantes da *land art* e da *environmental art*, como os dos britânicos Richard Long e Andy Goldsworthy. No entanto, o resultado dessas investigações do artista paulistano tem lastros físicos mais fortes e ligados à tridimensionalidade contemporânea.

Por fim, em séries como *Cestas* e peças como *Qualquer dia da semana é primavera*, a relação fecunda com o aspecto residual de nossa sociedade é tratado cotidianamente por Sassi no labor do ateliê. As obras citadas ganham mais leveza e a empreitada em construir cada uma delas tem uma fisicalidade mais contida, menos áspera, talvez mais refletida. Sassi parece forjar, assim, uma obra que se finca na incompletude, traçando outros volumes, formas, ritmos e projeções para além da simples reciclagem de *basura*, fazendo do cotidiano e elementos vestigiais um ponto de partida poético, sempre renovável e parcamente rijo ou estanque.

Como se deu seu ingresso nas artes visuais e por quê? Conte um pouco dos seus caminhos pela Faap, o convívio com artistas hoje ativos (à época, estudantes) e com professores-artistas.

O início de tudo se deu na época do colegial, quando, junto de um amigo, comecei a fazer grafites. A ideia não era desenvolver um

trabalho, mas sentia que gostava daquilo. Ao mesmo tempo que percebia que a maior atração era estar nas ruas, cada vez mais me dedicava a aprimorar aquilo que, mais adiante, me levaria a cursar Artes Visuais.

Durante a graduação na Faap, meu trabalho de grafite se transformou em experimentações no campo da intervenção urbana, numa época em que utilizei distintas mídias sobre o suporte da cidade de São Paulo. Como é habitual, muito por conta das facilidades de atuação na rua, juntei-me a outros dois outros artistas da faculdade para desenvolver trabalhos de intervenções urbanas. Inicialmente era algo colaborativo, debatímos ideias e projetos individuais. A seguir, estávamos pensando juntos e deixando nossas individualidades em prol do grupo. Atuamos como coletivo por cerca de três anos e depois cada um seguiu seu caminho. Eu ainda continuei desenvolvendo projetos de intervenções por um bom tempo. Tenho esta época como algo bem marcante na minha trajetória como artista.

**Uma série-chave na sua trajetória foram as *Pinturas Infiltrórias*.
Como foi o processo de realizá-las e por que foram importantes?
Qual foi o salto desses trabalhos ainda bidimensionais para a “invasão” do tridimensional?**

As *Pinturas Infiltrórias* foram os primeiros trabalhos que realizei fora do contexto da intervenção urbana. Este trabalho teve início em 2010, ano em que retornava de uma estadia em Londres. Minha experiência na Inglaterra teve muito a ver com o desenvolvimento desta série, não por referências trazidas de lá, mas por uma mudança de pensamento em relação ao meu trabalho.

Em 2008, quando saí de São Paulo, meu trabalho que originalmente era pensado para as ruas, muitas vezes já previa desdobramentos para serem apresentados em exposições. Ao mesmo tempo que queria fazer um trabalho popular, também queria circular minhas obras no circuito artístico especializado. Desejava tanto um retorno das pessoas nas ruas quanto dos críticos de arte.

Ao chegar em Londres, percebi pouco em relação às práticas urbanas. O que via era sempre algo relacionado à cultura do grafite,

tema que já não me interessava mais já há algum tempo. O contato com diversas outras culturas e acesso a outros artistas terminou por me influenciar mais fortemente e foi moldando minha relação com a arte e com a própria obra. Isso tudo era muito mais forte do que as ruas em si.

Ao regressar para o Brasil, processei essa experiência vivida por lá, mas sem deixar de lado minha trajetória anterior. Áí comecei a fazer este trabalho de pinturas por meio de infiltrações.

Minha ideia para essas obras era obter uma estética de degradação e de abandono provenientes de mofos e infiltrações, mas com cores que remetessem o espectador a pinturas abstratas.

A estrutura desse trabalho reproduzia uma parede com tubulação de água, em que eu infiltrava tinta colorida para que manchas aparecessem em sua superfície, compondo formas aleatórias. Por utilizar uma tinta muito aguada, os resultados eram muito próximos aos de uma aquarela, o que destoava do peso e brutalidade de seu suporte, uma forma de concreto.

Percebi os contrastes – entre o suporte de concreto e madeira e sua superfície de aspecto orgânico e leve – como algo que poderia continuar sendo explorado por meio de um viés construtivo. Comecei a pesquisar e entender um pouco mais sobre estruturas de concreto armado e sua aplicação na construção civil e, por extensão, na arquitetura, o que me levou a construir formas de concreto que se conectavam umas às outras, criando estruturas que se sustentavam no espaço. Mais para frente, os tridimensionais, ainda em caráter experimental, foram ganhando referências e conceitos, se moldando e se transformando no que venho fazendo hoje.

Podemos falar de artistas importantes em seu percurso? Quais eram antes, quais são agora, como evoluíram tais influências?

No começo olhei muito para o que de alguma forma poderia me servir como referência e artistas que trabalhassem conceitos que iam ao encontro do que eu buscava. Tinha Gordon Matta-Clark [1943-1978] como o personagem que resumia tudo aquilo que eu queria como artista. As obras dele apontavam para uma problemática da época em relação ao espaço e, através de recortes

nas estruturas de edifícios, ele desconstruía ao mesmo tempo que reconstruía espaços. Tais trabalhos tinham uma coisa *underground* e ao mesmo tempo uma precisão cirúrgica, aquilo me parecia incrível.

Junto dele, por razões específicas relacionadas à obra de cada um, também estava em minha lista Richard Deacon, Martin Puryear e Theaster Gates. Pensando nos brasileiros, José Resende, Angelo Venosa, Ernesto Neto e Henrique Oliveira podem ser citados.

Minha relação com Henrique vai além da admiração pelo trabalho. Fora ele ser um grande amigo, tive a oportunidade de trabalhar em alguns de seus projetos como assistente, o que foi muito importante na minha trajetória. Levo essa época em que passamos trabalhando juntos como uma extensão da minha formação, aprendi muito ao seu lado.

Hoje busco referências em outras fontes que não diretamente do circuito artístico. Assim, pesquiso arquitetos como Frank Gehry, Zaha Hadid [1950-2016], Norman Foster e Santiago Calatrava, entre outros. Voltando para os artistas, tem despertado meu interesse a produção do Véio, de Sergipe, e, mudando completamente, quem me vem a cabeça é o ganês El Anatsui. O trabalho dele é quase de tapeçaria. Também destacaria o Andy Goldsworthy, ligado à *land art* e à *environmental art*. Todos estes têm como matéria-prima materiais achados, que ressignificados carregam o discurso de cada um.

Não acredito que minhas referências mais antigas sejam esquecidas. Avalio que, de acordo com o que vou me relacionando de elementos de outros artistas, meu repertório é ampliado e desperta outros interesses no meu fazer artístico.

Na experiência das residências no exterior, creio que algumas transformaram mais nitidamente seus trabalhos – a última, nos EUA; e uma anterior, na França. Poderia explicar mais detidamente sobre os processos e os resultados, de certa forma, distintos?

Essas experiências sempre são positivas para o trabalho de qualquer artista. Em geral, é um tempo para experimentar, muitas vezes sem um compromisso de “acerto”. Às vezes, somos atropelados por uma demanda que não nos permite parar para tentar algo novo

e tendemos a cair na mesmice. Não só o trabalho fica estagnado, como começa a deixar de desafiar o artista, torna-se chato.

A bolsa que ganhei da Faap para residir na *Cité d'és Arts* de Paris, em 2014, foi uma oportunidade incrível de pesquisa. Visitei catedrais góticas e o que muito me atraiu nas construções foram os vitrais e a relação arquitetônica e espacial com a luz. Aquilo me parecia uma iluminação própria, como que gerada por eles mesmos e não pela condição climática exterior. Existia uma importância enorme naquelas cores e em suas intensidades. Para mim, aquilo é que dava o clima na coisa toda. Reflexões sobre tais pontos me levaram a desenvolver trabalhos que se autoiluminassem, que tivessem tanto a luz quanto a sombra como elementos compostivos.

Como desdobramento, incorporei ao meu trabalho sistemas prediais de iluminação. Isso se deu, por exemplo, em uma instalação desenvolvida para a *Red Bull Station* em 2015, intitulada *Tudo aquilo que eu lhe disse antes mas nem eu sabia*, e em uma escultura apresentada no Centro Cultural São Paulo, no ano de 2017: *Mesmo com dias maiores que o normal*.

Já nos Estados Unidos a experiência na residência *Sculpture Space*, em 2016, foi bem diferente, muito mais dinâmica e intuitiva. Esta é uma residência voltada para escultores e conta com uma grande estrutura no estilo americano, com todas as máquinas e materiais de primeira linha, ateliê dos sonhos.

A residência fica localizada no norte do Estado de Nova York e é conectada tanto com a cidade de Nova York quanto com outros lugares ao seu redor por uma malha ferroviária que corta a cidade. A paisagem era linda e me agradava fazer caminhadas pelos trilhos. Comecei a coletar estacas de dormentes e outros metais que ficavam espalhados nas linhas para levar para o ateliê. Era um processo quase performático, no momento que não aguentava mais o peso, ia me desfazendo de algumas peças. Às vezes trocava por outras e tudo isso era parte de um processo sem saber direito o que fazer com o que carregava.

No ateliê, aprendi a soldar e fiquei a maior parte do tempo fazendo testes que geraram a série *Walk the line*, apresentada pela primeira vez aqui no CCBB paulistano. Os trabalhos foram não só

uma descoberta de possibilidades com metal, mas também mudaram minha relação com a escala das minhas obras. Antes eu tinha de me deslocar ao redor das esculturas para poder percebê-las e trabalhar sobre elas. Nessa série, eu as resolvia sobre uma mesa.

Voltei para o Brasil e a primeira coisa que fiz foi comprar uma máquina de solda. Em dois meses que passei lá, descobri um novo viés para meu trabalho, uma junção híbrida que funde madeira e concreto (já característicos de meu trabalho) ao metal, numa mesma composição. Ainda hoje me vejo imerso nesta pesquisa e disso tenho extraído repertório para outras obras ainda em andamento. Como desdobramento disso, vem a escultura *Todo dia da semana é primavera*, apresentada inicialmente nesta exposição.

A leveza parece ser determinante em *Esquinas que me atravessam*. Nesse sentido, poderia falar mais sobre a série *Cestas*? E, ao mesmo tempo, tem um vigor muito físico e de escala ambiciosa a obra *Corpo acomodado*, central na mostra. Como você relaciona trabalhos aparentemente tão distintos?

O peso em contraponto com a leveza sempre foi uma questão que esteve implícita em minhas obras. Normalmente, são abordados em um mesmo trabalho em que há contrastes por meio de suas composições (aparentemente leves) e as dificuldades impostas por seus materiais (fisicamente pesados). Nos trabalhos apresentados agora, a questão é abordada tanto em obras isoladas como na relação criada entre os trabalhos, sendo dispostos lado a lado.

Corpo acomodado é o trabalho da exposição que mais reflete minha produção e pesquisa. Há um esforço em se adequar ao espaço expositivo quase sem deixar respiros para o espectador, que pode explorar os diferentes ângulos e pontos de vista da obra. É um trabalho de certa forma bruto, feito em madeira e concreto, utilizando técnicas arquitetônicas de fabricação de formas de concreto armado. Os moldes, que compõem a obra, possuem uma amarração interna feita com vergalhões, normalmente utilizados na produção de peças de cunho utilitário. Têm o intuito de dar estrutura ao corpo da peça. Os metais “fogem” do olhar, contendo-se na parte interna do objeto.

É claro que, explorando outras referências e puxando o trabalho de certa forma para algo muito mais artesanal, *Cestas* é um desdobramento desta etapa construtiva da minha obra, agora exteriorizando estes vergalhões e, trabalhando-os de forma independente. As peças dessa série são criadas sem o uso de soldas ou qualquer tecnologia que envolva máquinas ou ferramentas elétricas, ao contrário de outras obras anteriores. São feitas somente com barras de metal amarradas manualmente por arames umas às outras. Quanto mais pontos de conexão entre elas, mais o trabalho vai se estruturando, se enrijecendo e se moldando. No desenvolvimento de *Cestas*, olhei para artesanatos em palha e peças indígenas. Assim, deixei me levar por uma estética que não era minha, mas adequei isso aos materiais e à poética que venho pesquisando faz anos. O resultado alcançado é interessante, pois o metal enferrujado nos remete a fios de palha que se aproximam bastante dessas referências que citei.

Esquinas que me atravessam certamente tem pontos de inflexão dentro do corpo da sua obra. Um deles é o destaque da gravura. Poderia comentar como se deu isso?

As gravuras são desdobramentos dos meus tridimensionais feitos em madeira e concreto. Essas esculturas são compostas por restos de madeiras reaproveitadas de obras da construção civil, que, quando descartadas, são coletadas e transformadas em releituras de estruturas feitas nas obras [*de construção civil*]. Assim como as esculturas que proporcionam uma sobrevida aos materiais provenientes de construções, as gravuras reaproveitam os restos dos insumos não utilizados pelas esculturas. Os recortes que sobram, agora com as formas das esculturas, são reorganizados sobre uma placa e posteriormente impressos sobre papel. As gravuras, então, se conectam tanto diretamente com as esculturas quanto com o lugar de origem dessa matéria. Podem, assim, ser percebidos em sua impressão rastros e marcas do percurso e de “vidas” passadas.

Por fim, gostaria de lembrar o que Eduardo Paolozzi [1924-2005], um importante escultor britânico, disse sobre a obra tridimensional

dele em um texto chamado *A metamorfose das coisas comuns*, de 1959. Segundo ele: “Acredito que um artista que trabalha com *objets trouvés* não deve deixar-se dominar por seus materiais”². Essa metamorfose empreendida por um artista, num labor persistente e cotidiano de ateliê, é um ponto que posso enfatizar dentro de sua prática artística. Assim, tendo em vista que a exposição é cheia de experimentos e trabalhos que desviam, num certo sentido, do que você está acostumado a exibir, quais linhas e ideias acredita que vai desenvolver em séries futuras?

Concordo com Paolozzi. No campo da escultura é bom estar atento às infinitas possibilidades de materiais e, num certo sentido, desenvolver trabalhos que dependem de materiais encontrados, acredito ser uma saída interessante para o acaso a qualquer momento apontar novos caminhos para o artista e sua obra. *Esquinas que me atravessam* reflete um pouco tal procedimento, mesmo que a nova linhagem de obras tenha nascido fora do contexto paulistano. Elas foram sendo aprimoradas e tomando caminhos próprios. Como isso tudo ainda é novo para mim, é difícil dizer onde vou chegar com estes desvios. A ideia é continuar trabalhando com a cabeça aberta e disposto a mudanças. É difícil mudar algo que vai seguindo bem ou que já está consolidado. Porém, ao meu ver, o mais difícil para o artista é se ver dependente de formulas assertivas, deixar de criar desafios ou estímulos para sua obra.

1 Entrevista feita com o autor e o artista em visitas ao ateliê da Vila Romana, em SP, e conversas por e-mail durante o primeiro semestre de 2018.

2 CHIPP, H.B. *Teorias da Arte Moderna*. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 629.



R O D

R I G O

S A S

S I

(n. 1981, Brasil)

Vive e trabalha em São Paulo.

Tendo como ponto de partida referências visuais provenientes do cenário urbano em contraponto a formas encontradas na natureza, referências arquitetônicas e processos relacionados à construção civil, o trabalho de Rodrigo Sassi assume como poética situações de proximidade dessas referências com as artes visuais, abordando em suas obras questões que permeiam estes universos.

Graduado em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP (2006), Rodrigo participou de diversas residências artísticas, entre elas *Cité Internationale des Arts de Paris* (2014/2015) na França e *Sculpture Space* nos Estados Unidos (2016). Realizou exposições individuais em galerias e instituições, tanto no Brasil como no exterior, dentre elas “Mesmo com dias maiores que o normal” no Centro Cultural São Paulo em 2017; “Structuring to Foster”, no Centro Brasileiro Britânico e “Prática comum segundo nosso jardim” na Caixa Cultural Brasília, ambas em 2016; “Las pequeñas distracciones que te llevan al desvío”, na galeria Arredondo/Arozarena, na Cidade do México, em 2015; “Tudo aquilo que eu lhe disse antes mas nem eu sabia”, na Red Bull Station e “In Between”, que itinerou da Nosco Gallery em Londres para a MDM Gallery em Paris.

Seu trabalho foi apresentado em exposições coletivas incluindo: “The humble black line na Frameless Gallery”, em Londres, 2018; 6º Prêmio Marcantonio Vilaça, no Mube, em São Paulo e “La Republique de la Rue” na Nosco Gallery, em Marseille, na França, ambas em 2017. Em 2016 “Atlas Abstrato” no Centro Cultural São Paulo e o Festival Vídeo Brasil, realizado no SESC Pompéia, em São Paulo, no ano de 2013.

Rodrigo Sassi recebeu prêmios como Ocupação Fábrica São Pedro pela Fundação Marcos Amaro em 2018, Proac – ARTES VISUAIS – OBRAS E EXPOSIÇÕES em 2016, Programa de Ocupação dos Espaços da CAIXA Cultural em Brasília 2015, em 2013 Prêmio Espaço Galeria SESI e Prêmio Funarte de Arte Contemporânea.





1 - 3























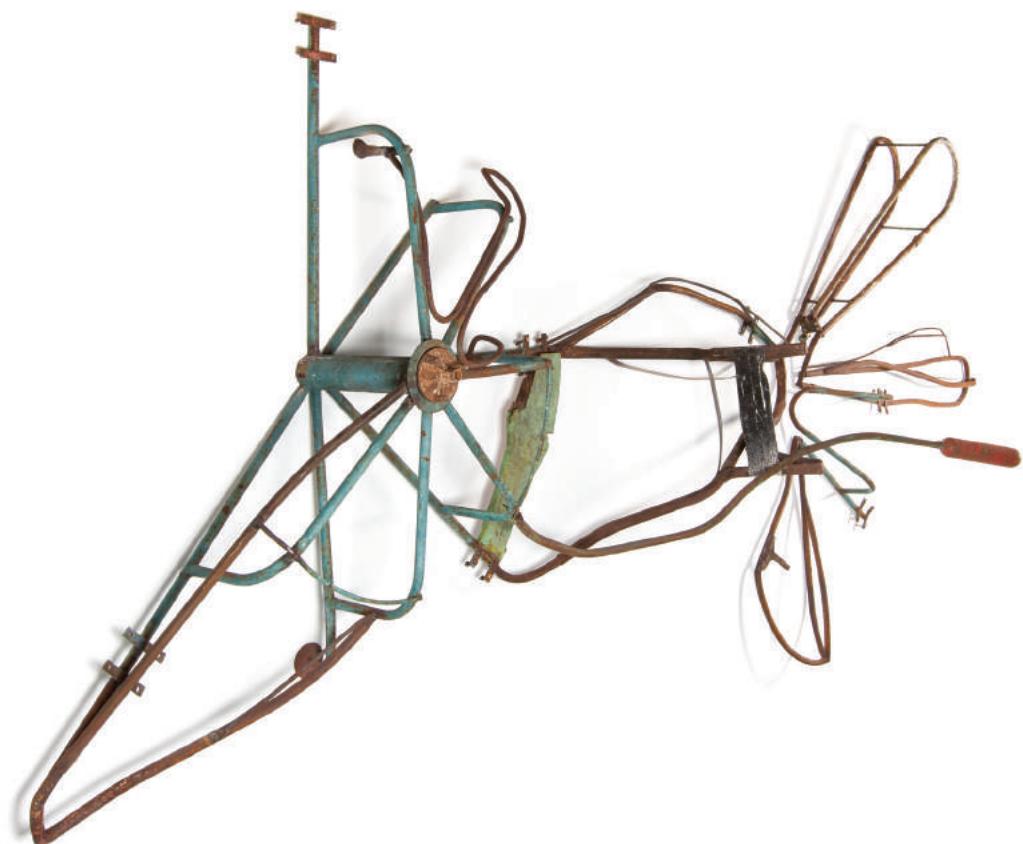
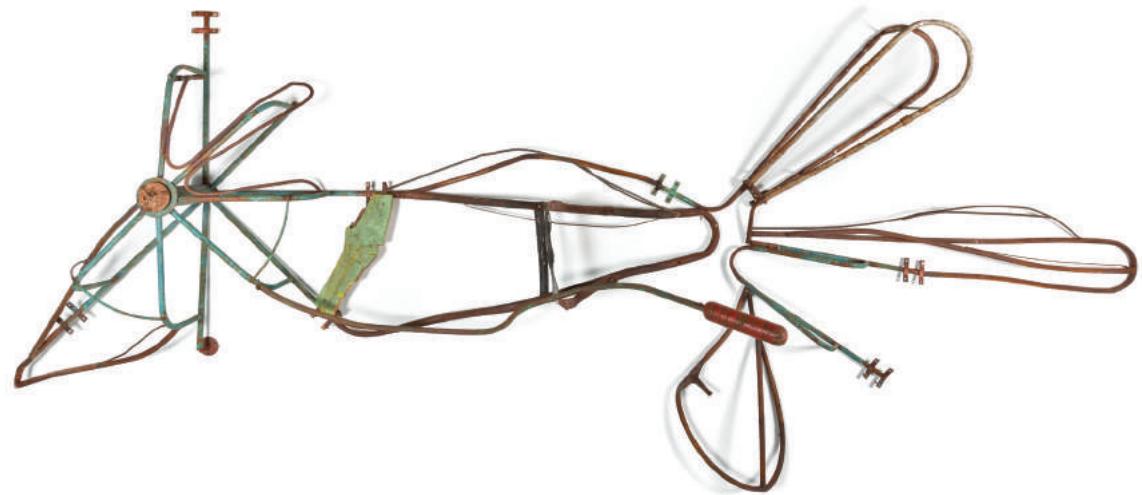






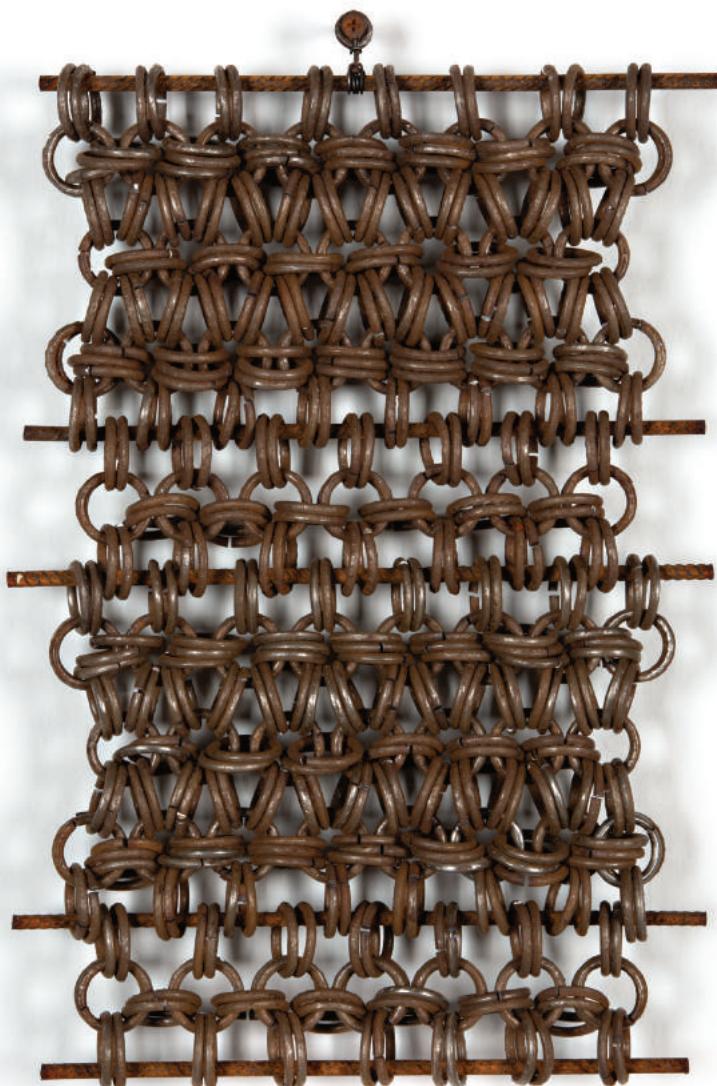




















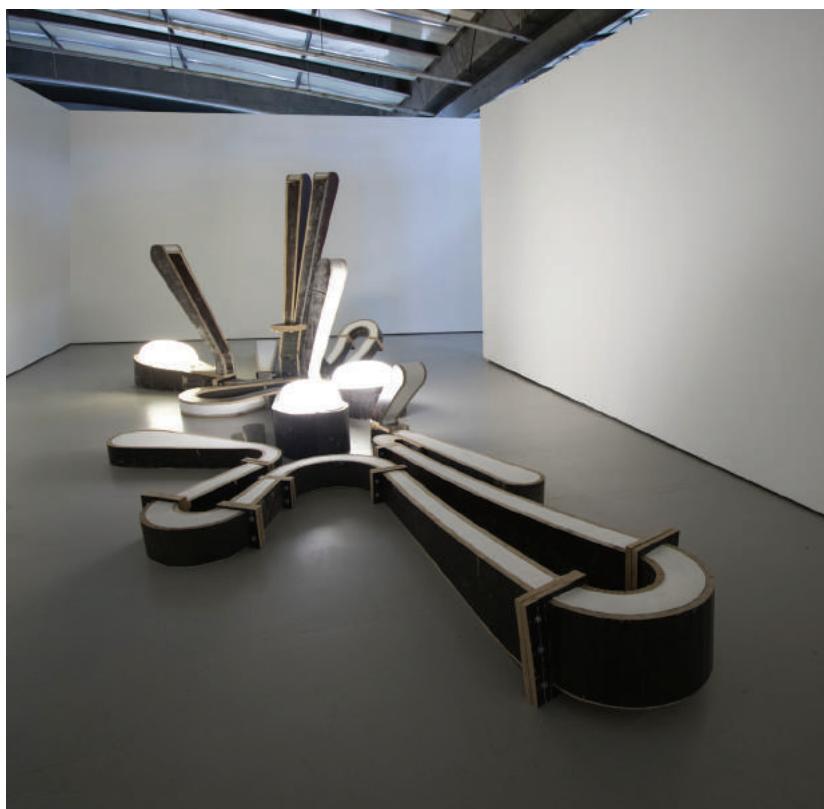










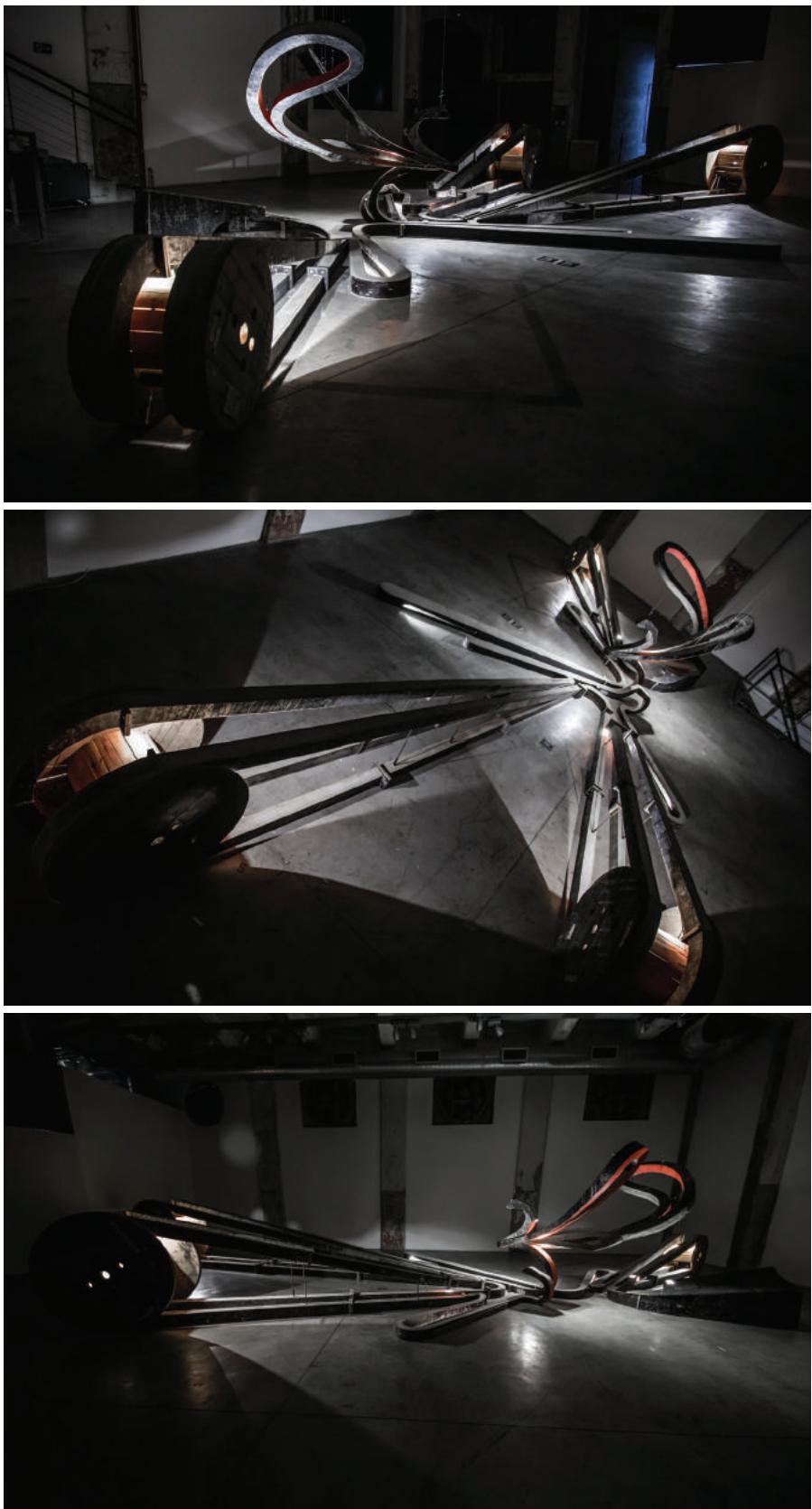


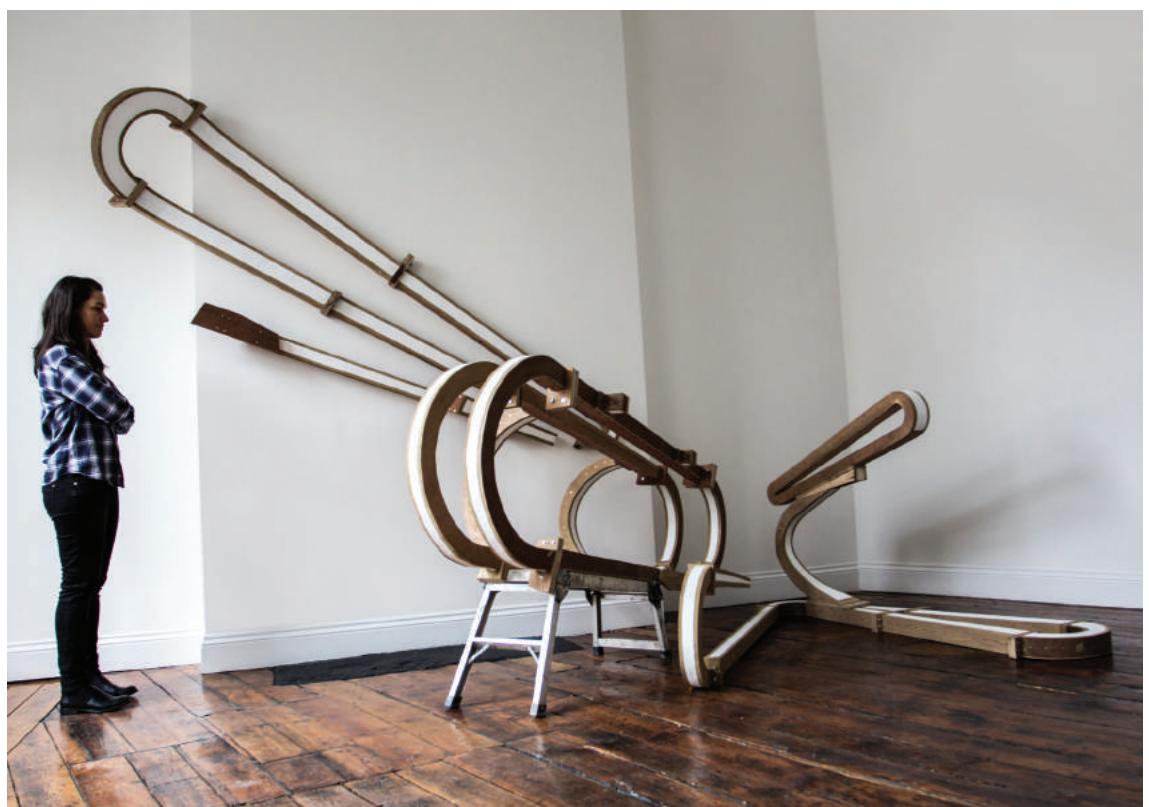




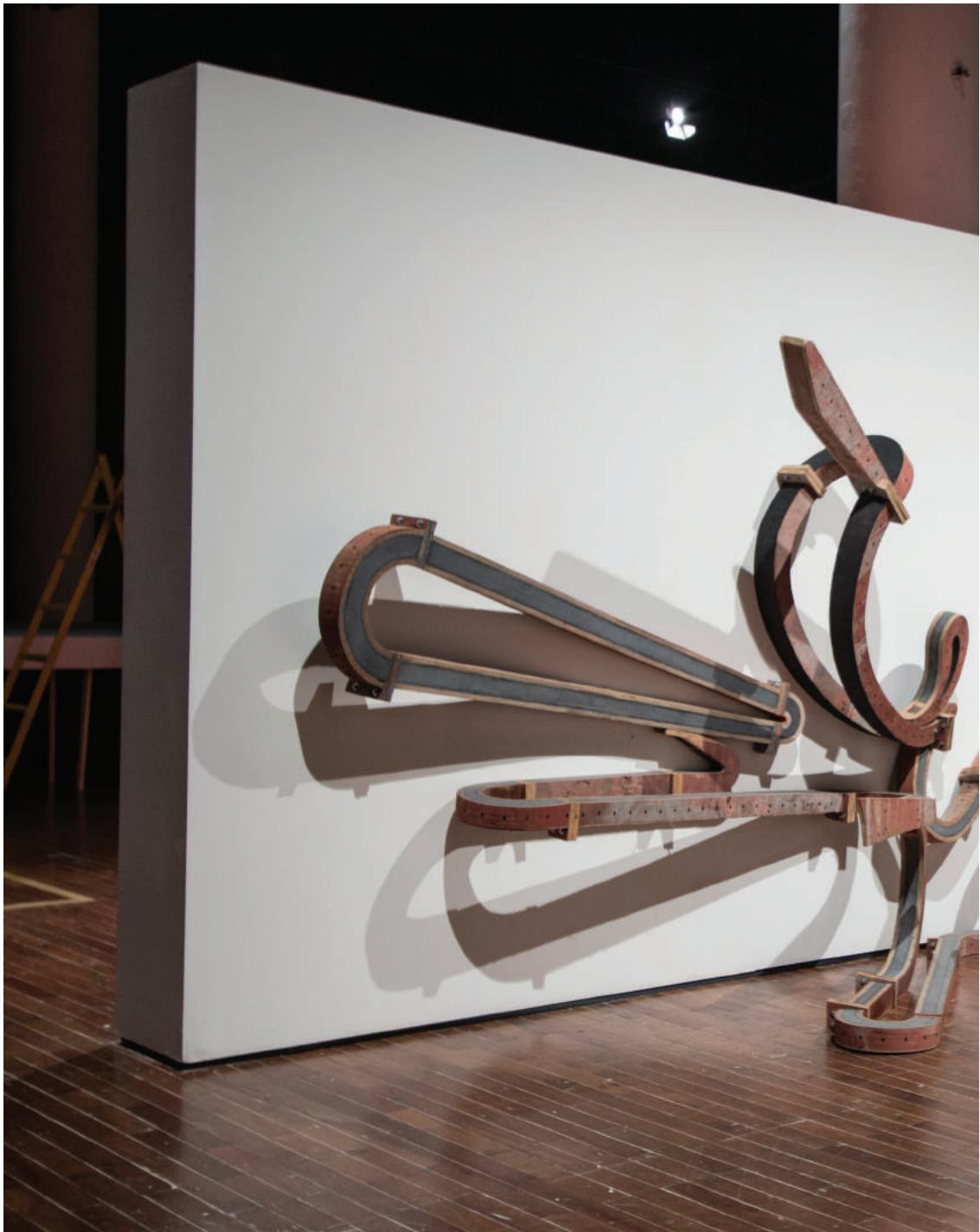




















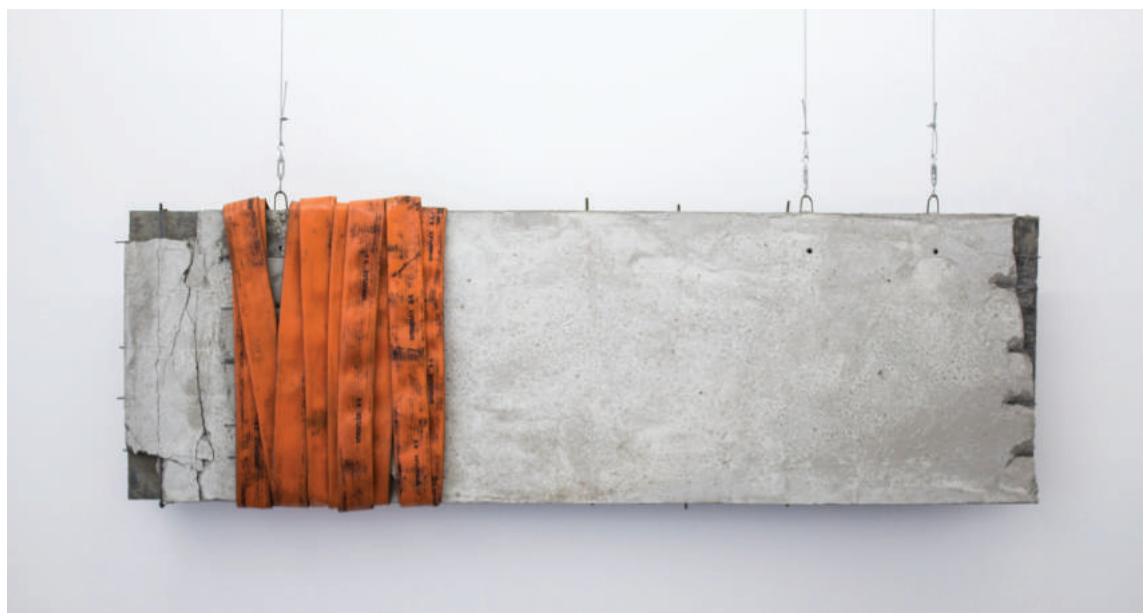


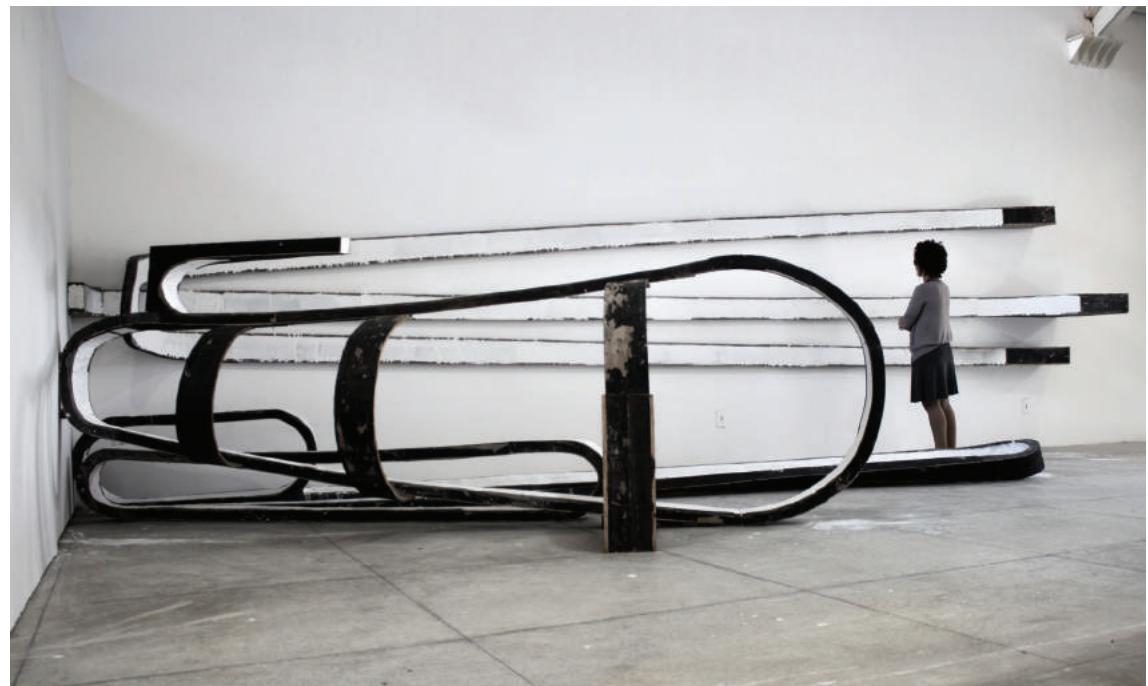












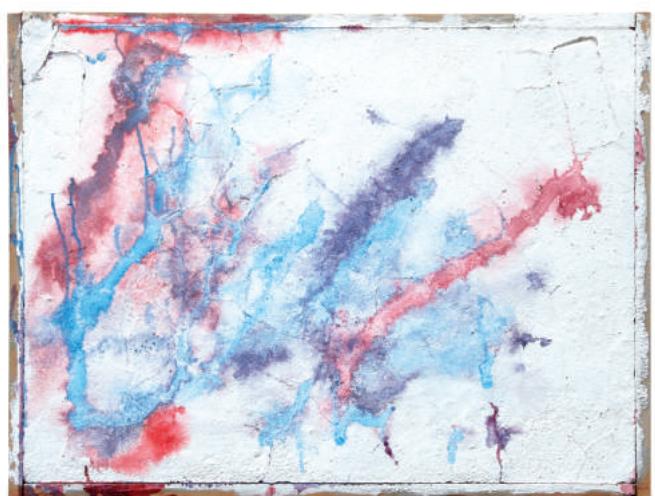














OBRAS QUE INTEGRAM A EXPOSIÇÃO

- 1 - 1** Série "Walk the Line" – Metal, A 18 × L 35 × P 4 cm, 2016.
1 - 2 Série "Walk the Line" – Metal, A 26 × L 42 × P 6 cm, 2017.
1 - 3 Série "Walk the Line" – Metal, A 25 × L 46 × P 7 cm, 2017.
1 - 4 Série "Walk the Line" – Metal, A 20 × L 17 × P 10 cm (cada), 2016.
1 - 5 Série "Walk the Line" – Metal, A 25 × L 23 × P 6 cm, 2016.
1 - 6 Série "Walk the Line" – Metal, A 20 × L 44 × P 7 cm, 2017.
1 - 7 Série "Walk the Line" – Metal, A 16 × L 40 × P 5 cm, 2018.

- 2** "Spyro Gyro" – Metal, A 28 × L 20 × P 10 cm, 2018.
- 3** "Corpo Acomodado" – Madeira e concreto, A 150 × L 300 × P 670 cm, 2018.
- 4** "God Save the Queen" – Xilogravura e spray dourado sobre papel, A 100 × L 70 cm, 2013.
- 5** Sem título – Xilogravura sobre papel, A 180 × L 80 cm, 2018 (série de 6 obras).
- 6** "Qualquer dia da semana é primavera" – Metal e madeira, A 210 × L 470 × P 85 cm, 2018.
- 7** "Ser reativo" – Madeira e concreto, A 220 × L 200 × P 40cm, 2018.
- 8 - 1** Série "Cestas" – Vergalhão de ferro, A 140 × L 35 × P 25 cm, 2018.
8 - 2 Série "Cestas" – Vergalhão de ferro, A 170 × L 30 × P 25 cm, 2018.
8 - 3 Série "Cestas" – Vergalhão de ferro, A 155 × L 50 × P 30 cm, 2018.

- 9** "Macramê" – Vergalhão de ferro, A 50 × L 35 cm, 2018.
- 10** "Objeto de proteção" – Metal, A 50 × L 35 × P 75, 2018.
- 11** "Para-raio" – Madeira, cimento e metal, A 195 × L 115 × P 35 cm, 2018.

OUTRAS OBRAS

- 1** "Você consegue sentir o peso dos seus ossos?" – Madeira, concreto e metal, A 240 × L 250 × P 230 cm, 2017.
- 2** Mesmo com dias maiores que o normal" – Madeira, concreto, vidro e instalações elétricas, A 120 × L 240 × P 400 cm, 2017.
- 3** "Structuring to Foster" – Madeira e metal, A 350 × L 700 × P 1300 cm, 2016. Instalação realizada para o Centro Brasileiro Britânico.
- 4** "I like to pump my own gas" – Madeira queimada e metal, A 355 × L 165 × P 60 cm, 2016.

5 “Tudo que eu queria era uma água com gás em estado líquido” – Madeira, concreto e vidro, A 320 × L 290 × P 60 cm, 2016.

6 “Tudo aquilo que eu lhe disse antes mas nem eu sabia” – Madeira, concreto, cabos de aço, fios e lâmpadas elétricas, A 250 × L 800 × P 1300 cm, 2015.
Instalação realizada na RedBull Station.

7 “In Between the way I see it and how it could have been” – Madeira, concreto e metal, A 260 × L 350 × P 205 cm, 2015.

8 “A linha que eu deixei pra compor amanhã” – Madeira e concreto, A 200 × L 400 × P 220 cm, 2015. Acervo do MAB (Museu de Arte Brasileira).

9 “La fusion du triptyque pour l'intégrité de la cause – Madeira, concreto e metal, A 160 × L 200 × P 500 cm, 2015. FOTOGRAFIAS Fátoly Viola.

10 “A câmera se desloca procurando acompanhar uma segunda intenção” – Madeira e concreto, A 300 × L 290 × P 380 cm, 2014.

11 “Entre o Céu e a Terra, Bolhas!” – Madeira, concreto e cabos de aço, A 300 × L 500 × P 450 cm, 2013.

12 “Daquele que se reproduz” – Madeira e concreto, A 240 × L 500 × P 270 cm, 2013.

13 “Orange Wrap” – Madeira, mangueira plástica, metal e concreto, A 60 × L 150 × P 8 cm, 2013.

14 “Ponto pra fuga” – Madeira e concreto, A 220 × L 800 × P 320 cm, 2012.
Instalação realizada no MAMAM no Pátio.

15 “Esquinas de Lá # Maior” – Madeira e concreto, A 220 × L 450 × P 200 cm, 2011.
FOTOGRAFIAS Claus Lehmann.

16 “EXP T 03” – Madeira e concreto, A 310 × L 170 × P 100 cm, 2012.

17 - 1 “Da série Pinturas Infiltrórias” – Infiltração colorida sobre parede de alvenaria, A 82 × L 60 cm, 2013.

17 - 2 “Da série Pinturas Infiltrórias” – Infiltração colorida sobre parede de alvenaria, A 43 × L 43 cm, 2013.

17 - 3 “Da série Pinturas Infiltrórias” – Infiltração colorida sobre parede de alvenaria, A 43 × L 43 cm, 2013.

17 - 4 “Da série Pinturas Infiltrórias” – Infiltração colorida sobre parede de alvenaria, A 70 × L 90 cm, 2010.

18 - 1 “Projeto reciclagem” – Madeira sobre caçamba de metal, dimensões variadas, 2008.

18 - 2 “Projeto reciclagem” – Madeira e feltro sobre caçamba de metal, dimensões variadas, 2008.

18 - 3 “Projeto reciclagem” – Madeira e tubos de PVC sobre caçamba de metal, PERFORMANCE Natacha Janus, dimensões variadas, 2008.

The Ministério da Cultura and Banco do Brasil present the exhibition *Esquinas que me atravessam* (Corners that cross me), with 20 new works by artist Rodrigo Sassi. The show has as its starting point visual elements from urban settings in contrast with natural shapes and movements, and the convergence of these universes in the visual arts.

The body of works displayed in the CCB's basement, with pieces produced between 2016 and 2018, reaffirms the visual and conceptual references in the artist's works, formulated through the creation and realization of urban interventions, in which the dynamic and location of large cities are implied and can be associated with the population's visual experiences. This brings about a dialogue between the works and people's daily lives.

By promoting this exhibition, Banco do Brasil asserts its commitment to informing the public regarding visual arts, offering the Brazilian population the opportunity to get to know this artist's work.

Centro Cultural Banco do Brasil

INTERVIEW¹

by mario gioia

Esquinas que me atravessam (Corners that cross me), the new solo show by Rodrigo Sassi at CCB (Centro Cultural Banco do Brasil), is a clear turning point in his body of works. At the same time, poetic forces previously acting in his creations are also strongly featured. With some new directions, we can attest to his immersion in the printmaking universe and in a lighter sculptural practice. His foundations surpass the wood, concrete and metal – at least in the traditional ways usually explored by the artist in key-pieces from his career.

This new pathway is even echoed in the show's installation design, which occupies the old safe and its surroundings in an ancient financial institution right in the middle of the city center. The public's circular flow emphasizes the phenomenological aspect that Sassi suggests when he distributes works in different mediums throughout the space. After visiting the exhibition, spectators will notice some fundamental elements in his production: the relation with the space, the dialogues established with the architecture of confined axes in large cities, the graphic line that he previously saw as design (in drawings) and concretely transformed into a different product in an opaque grey area between mediums (three-dimensionality situated in something hard to pinpoint, between installation, object and sculpture).

“*Esquinas que me atravessam*” is also an important step to settle his other research projects, after some time in artistic residencies in France and in the United States. “These pieces have light as well as shadow as compositional elements”, he says. Despite this being an evident aspect in the large works, it is important to remember that the basic printmaking process, in general, inverts the chromatic situations – dark areas become white and lighter ones become darker.

If controlling the spectators' route direction matters in the fruition of the work, the artist's wanderings become more vibrant in these pieces. In the series

“Walk the line”, in particular, Sassi’s strolls through the New York upstate countryside are decisive; he followed train lines and extracted from this roaming the raw material for the series of small pieces currently presented here – which, due to their intimate scale, already indicate a disruption in the processes he used to employ before. The process can evoke the investigations of important names from land and environmental art, such as Richard Long and Andy Goldsworthy. Nonetheless, the result of Sassi’s own investigations are more strongly linked to contemporary three-dimensionality.

In series such as “Cestas” (Baskets) and in works like “Qualquer dia da semana é primavera” (It’s spring any day of the week), he deals with the fruitful relation with the residual condition of our society in his quotidian labor in the studio. The aforementioned works become lighter and the physical effort that their construction demands is more contained, less harsh, maybe even more pondered. Thus, Sassi seems to forge an oeuvre that resides in its own incompleteness, outlining new forms, rhythms, and projections beyond the mere recycling of waste, taking everyday-life and vestigial elements as his poetic starting-point: rarely rigid or static, and always renewable.

How did you start in the visual arts field and why? Tell us a bit about your time at Faap, about your colleagues (who are now artists, but were students at the time), and your professors.

It all began while I was in high school, when, together with a friend, I began to do graffiti. The idea wasn’t to develop a work, but I felt I liked that. While I realized that what attracted me most was being out in the streets, I also dedicated myself to refine that which, later, led me to attend the visual arts course.

During my time at Faap, my graffiti work transformed into experiments into the field of urban interventions; I used different materials on the city of São Paulo as a medium. Due to the convenience of acting in the streets, I got together with two other artists from Faap to develop urban intervention pieces. Initially, it was a collaborative thing; we debated ideas and our individual projects. Then, we began elaborating together and putting our individuality aside in favor of the group. We worked as a collective for three years, and then we each followed our own paths. I even continued creating interventions for a while. I see this period as very significant in my trajectory as an artist.

Pinturas Infiltrórias (Infiltration Paintings) was an important series in your trajectory. How did they come along and why were they so relevant? What was the “jump” from these two-dimensional works to the three-dimensional “invasion”?

The *Pinturas Infiltrórias* (Infiltration Paintings) were the first pieces I created outside the urban intervention context. This series began in 2010, when I was returning from a stay in London. My experience in England was deeply connected to this series, not because it provided me with references, but because it changed the thought process in my work. In 2008, when I left São Paulo, my work was originally conceived for the streets, and I usually foresaw it unfolding into exhibition works. At the same time, I wanted to create a popular work and create something

for the specialized art circuit. I wanted feedback from people in the streets as well as from art critics.

When I arrived in London I didn't see much being done in urban practices. It was always something relating to graffiti, which hadn't interested me for some time. The contact with different cultures and the access to other artists ended up strongly influencing me, and that molded my relationship with art and with my own work. This became stronger than the streets.

When I came back to Brazil, I processed that experience of living in London, but not abandoning my previous trajectory. That's when I began doing the infiltration paintings. The idea behind these pieces was to achieve this degraded, abandoned aesthetic from mold and infiltration, but with colors that evoked abstract paintings.

The structure behind the work reproduced a wall with water pipes. I would put colored paint in them so that the stains would surface composing random shapes and forms. Since I used very watered-down paints, the results were similar to watercolors, which was so distant from the weight and rawness of the medium – a concrete piece. I noticed the contrasts – between the concrete and wood medium and the organic and light aspect of the surface – as something that I could continue to explore under a constructive perspective. I started to research and understand a little more about reinforced concrete structures and its applications in civil construction and, consequently, in architecture, which led me to build concrete shapes that were interconnected, creating structures that were self-supporting. Later on, the three-dimensional ones, still experiments, gained references and concepts, becoming what I am creating today.

Can we talk about important artists in your career? Who were they, who are they now, how did these influences evolve?

In the beginning I was looking at things that could become references and at artists who worked with concepts that were aligned with what I was searching for. Gordon Matta-Clark [1943-1978] was a character who embodied everything I wanted as an artist. His works pointed towards the problems of that time in relation to space and, through cutting the building structures, he deconstructed and reconstructed spaces simultaneously. His works were kind of underground but also had a surgical precision and that was incredible to me.

My list also included Richard Deacon, Martin Puryear and Theaster Gates, for reasons specific to their production. Among Brazilian artists: José Resende, Angelo Venosa, Ernesto Neto and Henrique Oliveira are some of the names.

My relationship with Henrique goes beyond admiration. In addition to him being a great friend, I had the opportunity to work as his assistant in some of his projects, which was very important in my trajectory. I consider this time we worked together as an extension of my education, I learned a lot from him.

Today my references aren't directly in the artistic realm. I research architects such as Frank Gehry, Zaha Hadid [1950-2016], Norman Foster and Santiago Calatrava, among others. Among artists, I have been interested in Véio, from the state of Sergipe, and the Ghanaian artist El Anatsui also comes to mind. His works are

almost tapestries. I would also mention Andy Goldsworthy, from the *land art* and *environmental art* movements. They all have in common found matter as the raw material for the works, which are re-signified and carry their discourses. I don't believe that my previous references have been forgotten. I think that depending on what interests me in other artists, my repertoire grows – which awakens new interests in my artistic process.

On the experiences in foreign residency programs, I believe some impacted your work more clearly than others – the last one, in the USA; and the one before, in France. Can you tell us about the processes and the different results?

These experiences are always positive for any artist. In general, it is an opportunity to experiment, often without the need for "getting it right". Sometimes, we are run over by these demands that don't allow us to stop and try something new, and we tend to repeat ourselves. The work becomes stagnant, and it also stops challenging the artists, it becomes boring. Faap awarded me with a fellowship to reside at the *Cité des Arts* in Paris, in 2014, and it was an amazing research opportunity. I visited gothic cathedrals and what interested me the most in the buildings were the stained glasses and the architectural and spatial relation with light. That seemed to me as lighting in itself, as if they created the light, not the exterior environment. The colors were also extremely important in their intensities. In my opinion that is what created the entire atmosphere. Reflecting on these issues led me to create self-lighting works, which had light and shadow as compositional elements. As a consequence, I incorporated building illumination systems into my works. This emerged in the installation I developed for the *Red Bull Station* in 2015, titled *Tudo aquilo que eu lhe disse antes mas nem eu sabia* (All that I had said before but didn't even know it), and in a sculpture presented at the Centro Cultural São Paulo, in 2017: *Mesmo com dias maiores que o normal* (Even with longer days than usual).

In the United States, the experience at the *Sculpture Space* residency, in 2016, was very different, much more dynamic and intuitive. This program is dedicated to sculptors and it offers a large structure in the American way, with all the top line machines and materials, a dream studio. The residency is located in the upstate region of New York, connected to New York City as well as other places around it through a railroad network that crosses the town. The landscape was beautiful and I liked walking along the railway. I started collecting stakes and other metals that were scattered along the tracks and bringing them back to the studio. It was almost performatic – the moment I couldn't handle the weight anymore, I started leaving some of the pieces behind. Sometimes I would exchange one for another, and it was all part of a process, not knowing what I would do with all that. In the studio, I learned how to weld and spent most of the time experimenting, which led to the series *Walk the line*, presented for the first time in the CCBB exhibition. These works didn't just mean discovering new possibilities in working with metal, but they also changed my relation with their scale. In the beginning I had to move around the sculptures to see them entirely and work on them. In this series, however, I solved everything on a table.

I came back to Brazil and the first thing I did was buy a welding machine. In the two months I spent there I discovered a new direction for my work, a hybrid association that brings together wood and concrete (which were already feature in my production) and metal, in the same composition. Today I still find myself immersed in this research, which has given me repertoire for other pieces I have been working on. The sculpture *Todo dia da semana é primavera* (It's spring everyday of the week), presented in this show, is the result of this process.

Weightlessness seems essential in this exhibition. Can you expand on the series *Cestas* (Baskets)? At the same time, there is a physical vigor and an ambitious scale in the *Corpo acomodado* (Accommodated body) piece, central in the show. How do you approximate such different works?

Weight in opposition to lightness has always been an implicit issue in my works. Usually, they both appear in a single work in which there are contrasts in the composition (which seem to be weightless) and in the difficulties the materials create (their physical load). In the works presented in this show, this point is addressed in isolated pieces, as well as in the relation between the works, which are displayed side by side. *Corpo acomodado* (Accommodated body) is the work the best reflects my production and my investigations. There is an effort to match the exhibition space almost without leaving any breathing room for the spectator, who can explore different angles and points of view. It is kind of a brute work, in wood and concrete, using architectural techniques employed in fabricating reinforced concrete. Iron rods typically used in appliances are employed to internally bind the molds that compose the work. This gives the piece body and structure. The metals "escape" our gaze, they are inside the object.

Exploring other references and pulling the work closer to something more artisanal, *Cestas* is an unfolding of this constructive stage in my work, externalizing these rods and working them independently. The pieces in this series are created without welding or any technology that involves machinery or electric tools, unlike my previous works. They are created only by manually tying metal beams to each other. The more connection points, the better the structure of the work, which becomes more rigid and molded. In developing *Cestas*, I looked at craftworks in straw and native pieces. I let myself be taken by an aesthetic that wasn't my own, but I adapted it to my materials and my poetic. The result is interesting, because the rusty metal evokes the straw lines that remind me of those artisanal references.

***Esquinas que me atravessam* certainly has turning points within your body of works. One is the printmaking. Could you comment on how you began engraving?**

The prints are a kind of unfolding of my three-dimensional pieces in wood and concrete. These sculptures are made of leftover wood that I reclaim from civil construction sites. They are collected and transformed into reinterpretations of the structures present in those sites. In the same way that the sculptures give new life to these materials, the prints reuse the materials that are not used in the sculptures. The leftovers from the sculptural pieces are reorganized on a plate and then printed

on paper. The prints, thus, are directly connected to the sculptures, as well as to their original sites. The prints reveal traces and marks from the material's journey and "past lives".

Finally, I would like to quote what Eduardo Paolozzi [1924-2005], an important British sculptor, said about his three-dimensional work in an essay called *The Metamorphosis of Ordinary Things*, 1959. According to him: "I believe that an artist who works with objets trouvés must avoid being dominated by his materials".² This metamorphosis employed by an artist, in a persistent and daily studio work, is a point I can emphasize in your artistic practice. Seeing that the exhibition is filled with experiments and works that somehow deviate from what you usually show, what lines and ideas do you believe you will develop in the future?

I agree with Paolozzi. In sculpture, it's important to be alert to the infinite possibilities the materials offer and, in a way, to develop works that depend on found materials; I believe this is an interesting solution for when chance brings new paths for artists and their works. *Esquinas que me atravessam* reflects this procedure, even though the new works were born outside the São Paulo context. They were improvised and took their own course. Since all of this is still new to me, it is hard to say where I'm going with these detours. The idea is to keep working with an open mind, open to changes. It is hard to change something that is doing well or that is already consolidated. But, the way I see it, it is harder for artists to depend on assertive formulas, to stop creating challenges and stimuli for their works.

1 Interview conducted by the author with the artist during a studio visit at Vila Romana, in São Paulo, and email exchanges during the first semester of 2018.

2 CHIPP, H.B. *Theories of Modern Art*. Los Angeles, University of California Press, 1968, p. 616.

RODRIGO SASSI (n. 1981, Brazil)

Lives and works in São Paulo.

Rodrigo Sassi's work starts with visual references from urban settings as well as shapes found in nature; architectural references; and processes from the construction industry. His poetic approach brings these elements closer to the visual arts, dealing with issues that are present in these universes.

Sassi graduated in Visual Arts from Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP (2006), and participated in several artistic residencies, such as *Cité Internationale des Arts de Paris* (2014/2015), in France, and *Sculpture Space*, in the United States (2016). His solo shows in galleries and institutions in Brazil and abroad include: "*Mesmo com dias maiores que o normal*" (Even with longer days than usual), at Centro Cultural São Paulo, 2017; "*Structuring to Foster*", at Centro Brasileiro Britânico, and "*Prática comum segundo nosso jardim*" (Common practice according to our garden), at Caixa Cultural Brasília, both in 2016; "*Las pequeñas distracciones que te llevan al desvío*", at galeria Arredondo/Arozarena, in Mexico City, 2015; "*Tudo aquilo*

que eu lhe disse antes mas nem eu sabia" (All that I had said before but didn't even know it), at Red Bull Station, and "*In Between*", presented first at Nosco Gallery in London, and afterwards at the MDM Gallery, in Paris.

His work has been showcased in various collective exhibitions, including: "*The humble black line na Frameless Gallery*", in Londres, 2018; "*6º Prêmio Marcantonio Vilaça*", at Mube, São Paulo, and "*La Republique de la Rue*", at Nosco Gallery, Marselha, France, both in 2017. In 2016 he participated in "*Atlas Abstrato*" (Abstract atlas) at the Centro Cultural São Paulo, and in 2013, he was part of the *Festival Vídeo Brasil*, organized at SESC Pompéia, in São Paulo.

Rodrigo Sassi received awards such as "Ocupação Fábrica São Pedro", organized by the Fundação Marcos Amaro in 2018; the "Proac – ARTES VISUAIS – OBRAS E EXPOSIÇÕES", in 2016; the "Programa de Ocupação dos Espaços da CAIXA Cultural", in Brasília, in 2015; and the "Prêmio Espaço Galeria SESI" and "Prêmio Funarte de Arte Contemporânea", in 2013.

ARTWORK ROSTER

WORKS PART OF THE EXHIBITION

- 1- 1** Série "Walk the Line" – Metal, H 18 × W 35 × D 4 cm, 2016.
- 1- 2** Série "Walk the Line" – Metal, H 26 × W 42 × D 6 cm, 2017.
- 1- 3** Série "Walk the Line" – Metal, H 25 × W 46 × D 7 cm, 2017.
- 1- 4** Série "Walk the Line" – Metal, H 20 × W 17 × D 10 cm (each), 2016.
- 1- 5** Série "Walk the Line" – Metal, H 25 × W 23 × D 6 cm, 2016.
- 1- 6** Série "Walk the Line" – Metal, H 20 × W 44 × D 7 cm, 2017.
- 1- 7** Série "Walk the Line" – Metal, H 16 × W 40 × D 5 cm, 2018.
- 2** "Spyro Gyro" – Metal, H 28 × W 20 × D 10 cm, 2018.
- 3** "Corpo Acomodado" – Wood and concrete, H 150 × W 300 × D 670 cm, 2018.
- 4** "God Save the Queen" – Woodcut and Golden spray on paper, H 100 × W 70 cm, 2013.
- 5** Untitled – Woodcut on paper, H 180 × W 80 cm, 2018 (series of 6 works).
- 6** "Qualquer dia da semana é primavera" – Metal and wood, H 210 × W 470 × D 85cm, 2018.
- 6** "Ser reativo" – Wood and concrete, H 220 x W 200 x D 40cm, 2018.
- 8 - 1** Série "Cestas" – Rebar, H 140 × W 35 × D 25 cm, 2018.
- 8 - 2** Série "Cestas" – Rebar, H 170 × W 30 × D 25 cm, 2018.
- 8 - 3** Série "Cestas" – Rebar, H 155 × W 50 × D 30 cm, 2018.
- 9** "Macramê" – Rebar, H 50 × W 35 cm, 2018.
- 10** "Objeto de proteção" – Metal, H 50 × W 35 × D 75, 2018.
- 11** "Para-raio" – Wood, cement and metal, H 195 × W 115 × D 35 cm, 2018.

OTHER WORKS

- 1** “Você consegue sentir o peso dos seus ossos?” – Wood, concrete and metal,
H 240 × W 250 × D 230 cm, 2017.
- 2** “Mesmo com dias maiores que o normal” – Wood, concrete, glass and electrical installations,
H 120 × W 240 × D 400 cm, 2017.
- 3** “Structuring to Foster” – Wood and metal, H 350 × W 700 × D 1300 cm, 2016.
Instalation exhibited at the Brazilian British Centre.
- 4** “I like to pump my own gas” – Burnt wood and metal, H 355 × W 165 × D 60 cm, 2016.
- 5** “Tudo que eu queria era uma água com gás em estado líquido” – Wood, concrete and glass,
H 320 × W 290 × D 60 cm, 2016.
- 6** “Tudo aquilo que eu lhe disse antes mas nem eu sabia” – Wood, concrete, steel cables and
light bulbs, H 250 × W 800 × D 1300 cm, 2015. Instalation exhibited at the RedBull Station.
- 7** “In Between the way I see it and how it could have been” – Wood, concrete and metal,
H 260 × W 350 × D 205 cm, 2015.
- 8** “A linha que eu deixei pra compor amanhã” – Wood and concrete, H 200 × W 400 × D 220 cm,
2015. MAB (Brazilian Art Museum) collection.
- 9** “La fusion du triptyque pour l'intégrité de la cause” – Wood, concrete and metal,
H 160 × W 200 × D 500 cm, 2015. PHOTOGRAPHS Fátyol Viola.
- 10** “A câmera se desloca procurando acompanhar uma segunda intenção” – Wood and concrete,
H 300 × W 290 × D 380 cm, 2014.
- 11** “Entre o Céu e a Terra, Bolhas!” – Wood, concrete and steel cables,
H 300 × W 500 × D 450 cm, 2013.
- 12** “Daquele que se reproduz” – Wood and concrete, H 240 × W 500 × D 270 cm, 2013.
- 13** “Orange Wrap” – Wood, plastic hose, metal and concrete, H 60 × W 150 × D 8 cm, 2013.
- 14** “Ponto pra fuga” – Wood and concrete, H 220 × W 800 × D 320 cm, 2012.
Instalation at the courtyard of the Museum of Modern Art Aloísio Magalhães - MAMAM.
- 15** “Esquinas de Lá # Maior” – Wood and concrete, H 220 × W 450 × D 200 cm, 2011.
- 16** “EXP T 03” – Wood and concrete, H 310 × W 170 × D 100 cm, 2013.
- 17-1** Da série “Pinturas Infiltrórias” – Coloured infiltration on masonry wall,
H 82 × W 60 cm, 2013.
- 17-2** Da série “Pinturas Infiltrórias” – Coloured infiltration on masonry wall,
H 43 × W 43cm, 2013.
- 17-3** Da série “Pinturas Infiltrórias” – Coloured infiltration on masonry wall,
H43 × w43cm, 2013.
- 17-4** Da série “Pinturas Infiltrórias” – Coloured infiltration on masonry wall,
H 70 × W 90cm, 2010.
- 18-1** “Projeto reciclagem” – Wood on metal container, 2008.
- 18-2** “Projeto reciclagem” – Wood and felt on metal container, 2008.
- 18-3** “Projeto reciclagem” – Wood and PVC pipes on metal container. PERFORMANCE Natacha
Janus, various dimensions, 2008.

CRÉDITOS | CREDITS

Patrocínio | Sponsored by **Banco do Brasil**

Realização | Presented by **Ministério da Cultura | Centro Cultural Banco do Brasil**

EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

Concepção e execução das obras | Concept and execution **Rodrigo Sassi**

Curadoria | Curatorship **Mario Gioia**

Produção Executiva | Executive Production **Holy Cow Criações**

Design Gráfico | Graphic Design **Gustavo Piqueira / Casa Rex**

Montagem | Exhibit set up **Rodrigo Pasarello, Célio Costa, Guilherme Tavares**

Iluminação | Lighting **MMV – Mauro Montagem e Vídeo**

Assessoria de Imprensa | Communication **Pool de Comunicação**

Vídeos | Videos **IAV Um Audiovisual**

Revisão | Proofreading **Harpia Consultoria Linguística**

Tradução para o inglês | English translation **Julia Lima**

Impressão | Printing **INSGN Fabricação Digital**

Fotos | Photos **Daniela Ometto**

CATÁLOGO | CATALOGUE

Texto e entrevista | Text and interview **Mario Gioia**

Design Gráfico | Graphic Design **Gustavo Piqueira / Casa Rex**

Revisão | Proofreading **Harpia Consultoria Linguística**

Tradução para o inglês | English translation **Julia Lima**

Fotos | Photos **Daniela Ometto, Claus Lehmann, Fátoly Viola, Rodrigo Sassi**

Impressão | Printing **Ipsilon Gráfica e Editora**

Produção Executiva | Executive Production **Holy Cow Criações**

CIP – Catalogação na Publicação

Elaborada pela bibliotecária Gabriela Lopes (CRB7-6643)

S252

Sassi, Rodrigo Scotto, 1981-

Esquinas que me atravessam / Rodrigo Scotto Sassi;

coordenador: Helen Almenara, Gustavo Piqueira; tradução: Julia Lima].

– Ed. bilíngue. – São Paulo : Holy Cow Criações, 2018. 88p.; il. color.; 17x24cm.

ISBN 978-85-67623-02-3.

Edição bilíngue: português / inglês.

Exposição realizada no CCBB São Paulo, de 11 de agosto a 22 de outubro de 2018.

1. Artes visuais. 2. Esculturas. 3. Gravuras. I. Almenara, Helen.

II. Piqueira, Gustavo. III. Centro Cultural Bienal do Brasil. IV. Título.

CDD: 730

